

Notícia preliminar das sondagens realizadas em 1987 na vila fortificada de Anciães

Francisco Sande Lemos

1. Introdução

Em Janeiro de 1987 a Câmara Municipal de Carrazeda de Anciães solicitou ao autor, na qualidade de Director do Serviço Regional de Arqueologia do Norte que preparasse, em conjunto com a autarquia, a visita do Sr. Presidente da República ao Castelo de Anciães, prevista para o final do mês seguinte.

Considerando que o monumento estava afecto ao I.P.P.C., e tendo em conta a anterior prática de colaboração com o município, o Serviço Regional de Arqueologia aderiu de bom grado ao convite da Câmara de Carrazeda.

Na sequência da visita do Sr. Dr. Mário Soares, concretizada no dia 26 de Fevereiro, foi decidido iniciar-se um processo de recuperação do Castelo de Anciães, projecto que teve seguimento e que abrangeu diversas acções, entre as quais se destacam as sondagens que constituem o tema deste texto ¹.

¹ As acções programadas para 1987, na sequência da visita presidencial, iniciaram-se em Abril e prolongaram-se até Novembro, tendo abrangido diversos aspectos: limpeza periódica do circuito habitual dos visitantes, ou seja, do caminho entre a Porta de S. Francisco e a Igreja de S. Salvador; da área adjacente a esta; do trajecto entre a Porta do Castelo, (chamada S. Salvador), e as ruínas da Torre de Menagem, no topo do monte, passando pela cisterna; manutenção periódica do interior da Igreja de S. Salvador, por forma a assegurar condições de visita ao templo e aos elementos arquitectónicos e tumulares aí expostos; limpeza da cisterna e da área envolvente; limpeza de uma casa situada a nascente da Igreja de S. Salvador, bem como das construções anexas à mesma; limpeza de um conjunto de fragas graníticas, onde se vêem pequenos tanques e outras estruturas escavadas na rocha; limpeza minuciosa das ruínas da Torre de Menagem e da estrutura que se estende para Poente; desenho à escala 1:20 do conjunto referido no ponto anterior; cobertura fotográfica dos elementos supramencionados; realização de duas sondagens no topo do Castelo, na área a Poente da Torre de Menagem.

2. A vila fortificada de Anciãos

A vila fortificada de Anciãos, designação mais correcta do que "Castelo de Anciãos", situa-se na freguesia da Lavandeira, concelho de Carrazeda de Anciãos. As ruínas do antigo povoado, das suas muralhas e castelo, erguem-se sobre um relevo granítico, que se eleva a cerca de duzentos metros sobre o planalto circundante atingindo no seu ponto mais alto a cota de 805 metros. Do seu cume dominam-se os montes e os vales adjacentes, e avistam-se largos trechos de paisagens transmontanas e beirãs. Para Sul, para além do profundo vale do Douro, do qual dista 8 Km, divisa-se o Castelo de Numão e, em dias claros, o de Trancoso. Para Nordeste, distinguem-se os cumes da Serra do Reboredo, e para Ocidente o Planalto de Alijó e a Serra da Padrela.

A paisagem adjacente à vila fortificada está hoje muito alterada, embora ainda subsistam relíquias da cobertura florestal antiga e da actividade agrícola tradicional: árvores de fruto (amendoeiras ou cerejeiras), castanheiros, carvalhos, vinhas e culturas dispostas em terraços. No interior do espaço muralhado domina um mato mais ou menos cerrado, conforme a humidade e a exposição ao sol. Nalguns pontos, entre os muros, existem leiras cultivadas, normalmente com culturas de sequeiro (trigo ou centeio), ou pequenas vinhas ².

As unidades que constituem este conjunto monumental são as seguintes:

Castelo

Foi construído no cume do relevo e apresenta uma muralha de bom aparelho granítico, com forma tendencialmente circular, adaptada às características topográficas do sítio. Tem uma única porta de acesso, defendida por duas torres quadrangulares, uma das quais está parcialmente derrubada, junto à Igreja de S. Salvador. No lado oposto a esta porta, no topo do cabeço, conserva-se a base da Torre de Menagem, também quadrangular, bem como ruínas de diversas construções anexas. Na muralha, junto à Torre de Menagem, abre-se uma pequena porta, designada Postigo da Traição. No interior do espaço delimitado pela muralha do Castelo pode-se ainda observar a cisterna, aberta a pico na rocha granítica, protegida por cobertura abobadada de que apenas restam algumas pedras dos arranques laterais. Vêm-se, em toda a área, vestígios de alicerces de numerosas casas, que se distinguem com facilidade dos pequenos muros de divisao de leiras, manifestamente posteriores, onde foi utilizada a pedra das antigas

² Considerando este estado caótico da cobertura vegetal, quer no interior do recinto fortificado, quer nas áreas vizinhas das muralhas, o S.R.A.Z.N. propôs um estudo paisagístico do conjunto, com o objectivo de se definir uma zona de protecção e se estabelecerem normas de utilização agrícola de toda a área, assim como critérios de controlo da vegetação espontânea dos espaços interiores da Vila de Anciãos.

construções. Aliás, encontram-se por toda a parte pedras acumuladas, entre as quais se incluem elementos arquitectónicos de interesse, nomeadamente, arcos, impostas, lintéis, e soleiras.

Cerca e seu interior

Da muralha do Castelo, para Sul e Oriente, parte uma segunda linha de defesa que possui as mesmas características estruturais, mas que é mais extensa (625 metros), definindo um perímetro irregular e protegendo um vasto espaço. Nesta fortificação, a que se adossam três torres quadrangulares em diversos pontos do percurso, abrem-se quatro portas, distribuídas pelos quatro pontos cardeais. A Norte, a Porta de S. João; a Nascente, a Porta de S. Francisco; a Sul, a da Vila; e, finalmente, a Poente, a Porta da Fonte. Destas portas partem diversos arruamentos que se interligam e cruzam entre si, delimitando bairros, com ruínas de habitações, em muitos casos quase reduzidas aos alicerces. Apesar do progressivo desmantelamento das paredes dos edifícios, cuja pedra foi aproveitada na construção das vizinhas aldeias de Marzagão, Lavandeira e Seixo, e nas divisórias dos campos, ainda é possível recuperar o urbanismo da Vila de Ancães, e estudar a arquitectura civil, bem como o sistema articulado de hortas.

Igreja de S. Salvador

Pequeno templo de traça românica, harmonioso, orientado Nascente-Poente, construído no século XII ou XIII, com proporções equilibradas e volumes distribuídos com elegância. Possui uma só nave e altar-mor, duas pequenas portas laterais simétricas, bem como um magnífico portal com o tímpano ricamente decorado e capitéis ornamentados com figuras fantásticas. Pelas suas características e pela sua decoração, a Igreja de S. Salvador é um dos mais interessantes templos românicos do Nordeste Transmontano, sendo por isso referido com frequência em textos de História de Arte.

No exterior, adossada ao corpo do templo, na fachada sul, foi construída uma pequena capela funerária, datada talvez do século XVI, destinada aos donatários de Ancães, a família Vaz de Sampaio.

No seu interior existem três arcos "solium" com sarcófagos já violados.

Quando Pereira Lopo fotografou a Igreja de S. Salvador no início do século XX, já a cobertura tinha desaparecido, o interior era um mar de pedras e silvas, e as paredes estavam derrubadas em várias partes. O seu restauro foi efectuado pela D.G.E.M.N..

Necrópole de S. Salvador

Em torno desta Igreja, existia uma interessante necrópole, com túmulos assinalados por estelas de cabeceira, muitas delas ornamentadas com a Cruz de Malta. Assim a observou e descreveu o Padre João Pinto de Moraes (1721, 33). É natural que, na altura das visitas de Pereira Lopo e Abade de Baçal as pedras jazessem por terra, já ocultas por sedimentos e vegetação. Infelizmente, o restauro da Igreja efectuado pela D.G.E.M.N. destruiu a necrópole, talvez em definitivo. De facto, em 1987, as cabeceiras de sepultura

encontravam-se no interior da igreja restaurada, e todo o adro foi rebaixado. A perda de informação científica é incalculável e não sabemos se todas as pedras removidas foram guardadas. Efectivamente, ao todo, as que se conservam, não chegam a duas dezenas, quando o Padre João Pinto de Moraes refere todo o adro preenchido com numerosas estelas.

Igreja de S. João Baptista Extra Muros

Fora do circuito muralhado, a oriente da cerca, junto à actual entrada que desce para Carrazeda de Anciãos, localiza-se este templo. É um edificio singelo, já sem cobertura, aparelhado em granito, sem porta principal, com duas pequenas portas laterais, formado por uma nave e altar-mor, de traça românica. O seu aspecto mais rústico, leva a pensar numa obra tardia ou, pelo menos, posterior à Igreja de S. Salvador. No entanto o manuscrito de 1721 aponta a Igreja de S. João Baptista como sendo a mais antiga. O seu estado de conservação é calamitoso. As paredes apresentam numerosas fendas. As pinturas referidas por João Pinto de Moraes já desapareceram. É indispensável e urgente promover obras de consolidação.

Necrópole de S. João Baptista

Em torno deste templo, no seu adro, teriam existido numerosos túmulos, também assinalados por cabeceiras de sepulturas, de acordo com Memórias de Anciãos (pág. 25). Deste conjunto apenas restam três sepulturas escavadas na rocha, de forma antropomórfica.

Outros elementos

Fora dos muros da Vila, mas com ela relacionados, para além da Igreja de S. João Baptista, há outros elementos de interesse a registar:

- a sudeste, uma nascente, a Fonte Vedra, à qual se tem acesso por um caminho que parte da chamada Porta da Fonte;
- próximo da Porta de S. João, um tanque em pedra, (já referido nas *Memórias de Anciãos*);
- restos dos caminhos que conduziam às principais entradas da Vila;
- ruínas de construções no sítio chamado Toural, talvez espaço de uma antiga feira.

Esta breve descrição, apesar de muito sumária, permite fazer uma ideia das características principais deste conjunto monumental, da sua extensão e interesse. Permite também enquadrar melhor os trabalhos que o S.R.A.Z.N. realizou em Anciãos, no ano de 1987.

3. Referência sumária à História de Anciãos

A história pormenorizada de Anciãos está por fazer, apesar das numerosas referências existentes, muitas delas repetitivas.

No âmbito da arqueologia, as sondagens recentes, como adiante se verá, revelaram que a ocupação do sítio remonta ao Calcolítico. Há também indícios de uma longa continuidade³ entre esse período e a época medieval, com ocorrência de materiais proto-históricos e romanos.

No âmbito do período histórico propriamente dito, a primeira referência documental surge com uma carta de foral outorgada por Fernando Magno, rei de Castela (séc. XI), privilégios que foram confirmados por Afonso I de Portugal. Toda a documentação produzida nos séculos seguintes indicia a importância crescente de Anciãos, como praça forte. Admite-se que o apogeu da sua influência regional se situou nos primeiros reinados da segunda dinastia. Aliás, a maior parte dos principais monumentos de Anciãos, as igrejas, a Torre de Menagem, a própria muralha, inserem-se, pela sua traça e técnicas construtivas, na Baixa Idade Média.

O processo de declínio da Vila deverá ter-se desenrolado ao longo dos séculos XVI e XVII, por motivos e em contextos que permanecem desconhecidos. Pode-se, no entanto, admitir que o posicionamento de Anciãos, num relevo isolado, agreste, com pouca água, afastado de eixos viários, situação que fez a sua força militar nos conturbados tempos medievais, terá sido a sua fraqueza ao longo da Idade Moderna.

Tudo indica que a população se deslocou progressivamente para povoados próximos, situados em locais abrigados, junto a solos férteis, com água abundante e fácil acesso.

No princípio do século XVIII, quando João Pinto de Moraes (Reitor de S. João Baptista Extra Muros) e António de Sousa Pinto redigem as *Memórias de Anciãos*, já a Vila se encontrava em franca decadência: apenas treze moradores a habitavam. E a maior parte das antigas casas nobres encontravam-se abandonadas, em ruínas. No entanto, a vila ainda mantinha os seus pergaminhos: "Dentro dos muros desta vila se conserva, (sem embargo das suas ruínas e pouca povoação, a caza da Câmara e a audiência aonde nas 3.^{as} e 6.^{as} os Juizes vam fazer audiências a partes. Junto della está uma praça com o Pellourinho de que acima tratamos e huma limitada e incapaz caza da cadeia para onde se mudou do Castelo onde era antigamente" (1721, 23).

Em 1734 são construídas as casas da Câmara e a Cadeia, em Carrazeda. Em 1736 ou 1737, o poder jurídico é definitivamente transferido para a actual sede do município.

A história que refere a resistência do povo de Anciãos e o desmantelamento do pelourinho pela magistratura de Carrazeda, poderá ser uma fábula inventada na época Romântica. Efectivamente, no início do século XVIII, já Anciãos perdera a sua população e a sua importância.

³ Utilizamos esta palavra no sentido estritamente estratigráfico, sem sugerir "continuidade" em termos culturais.

Seja como for nos últimos anos do século, em 1796, Anciãos estava inteiramente despovoada. A este respeito, o manuscrito de Colombano Ribeiro de Castro, *Mappa do Estado actual da Província de Trás-os-Montes*, é perfeitamente elucidativo: “A villa antiga, denominada Anciãos, fica distante desta (Carrazeda) huma legoa, em a eminência de hum alto monte, toda morada de boa cantaria e oje inteiramente despovoada”, (MENDES 1981, 246).

Quando, no início do séc. XX, Albino Pereira Lopo e o Abade de Baçal visitam Anciãos deparam com uma vila morta há mais de um século, com as igrejas profanadas e em ruínas, as muralhas derrubadas em diversos troços. As descrições e as fotografias do Coronel Pereira Lopo e do Reitor de Baçal testemunham o total abandono a que estava votada a vila de Anciãos e o seu castelo (PEREIRA LOPO 1987, 73-80; ALVES 1934, 113-117 e 518; 1938, 44-45).

Em 1910, o Castelo foi classificado como Monumento Nacional; o mesmo viria a acontecer à Igreja de S. Salvador a 3 de Fevereiro de 1928 (Decreto 4895).

Posteriormente a Direcção dos Edifícios e Monumentos do Norte orientou a realização de diversas obras de restauro nas muralhas do Castelo e da Igreja, obras que foram interrompidas em data desconhecida.

Em 1982, a 11 de Setembro, o conjunto monumental foi afecto ao Instituto Português do Património Cultural, pelo Decreto-Lei n.º 318.

Em 1987 realizaram-se diversas acções, de estudo e recuperação, entre os quais as sondagens que a seguir se noticiam.

4. As sondagens LI e LII

4.1. Inicialmente foi projectada a realização de três sondagens em diferentes sítios: na área da Torre de Menagem, a fim de se obterem dados relacionados com a ocupação do topo do monte, com a arquitectura militar e com a construção das muralhas; na zona adjacente à Igreja de S. Salvador, a fim de se verificar a eventual subsistência de sepulturas, malgrado as destruições já referidas; e no interior de uma casa próxima da Igreja de S. Salvador, a nascente, a fim de se obterem elementos quer sobre a arquitectura civil, quer acerca do quotidiano da comunidade. Pretendia-se não só adquirir informação, como também reunir dados com vista ao eventual restauro duma casa, baseado em critérios arqueológicos fidedignos.

4.2. Destas três sondagens, apenas se concretizaram duas, e circunscritas à zona da Torre de Menagem, como veremos de seguida. A primeira sondagem foi designada por LI; a segunda por LII.

Ambas as sondagens foram abertas segundo um único eixo, estabelecido de acordo com a própria estrutura topográfica da muralha e da Torre de Menagem, (Est. III). De facto, foi assumido como ponto gerador da quadrícula o canto formado pela muralha e pela Torre de Menagem, como meio de obter cortes transversais às duas estruturas. Como ponto 0 (zero) foi utilizada a soleira do Postigo da Traição.

4.3. A sondagem LI, inicialmente limitada a um rectângulo de 4x2, instalado no canto formado pela muralha e pela Torre de Menagem, foi posteriormente alargada para Sul, acabando por formar um L. Obteve-se assim um melhor entendimento das estruturas detectadas. Infelizmente o substrato rochoso, irregular, aflorava a pouca profundidade. Deste modo, os dados estratigráficos recolhidos são pontuais, embora tenhamos estabelecido com nitidez os principais parâmetros da ocupação deste local.

Em primeiro lugar verificou-se que a rocha ocupa a maior parte da superfície escavada, logo a escassos centímetros da superfície do solo. Num dos quadrados, A1, pode ainda escavar-se o derrube de uma parede transversal à muralha, e sob o derrube, restos dum pavimento argiloso assente na rocha. No quadrado A2, a muralha e a Torre de Menagem assentam directamente no granito.

O quadrado BI revelou uma sequência estatigráfica mais completa: logo sob a superfície do solo vegetal, restos de um pavimento lajeado, talvez contemporâneo da parede transversal, referida no parágrafo anterior. Sob essas lajes, um nível de ocupação assaz rico em cerâmica medieval, objectos metálicos e restos de cozinha. Imediatamente abaixo, a rocha.

Articulados com este nível de ocupação, surgem restos de enchimento da base dos alicerces da muralha, podendo deduzir-se que seriam coevos.

4.4. A segunda sondagem, designada LII, foi aberta junto à muralha, num ponto situado 16 metros para sudeste de LI. O novo local foi escolhido devido à circunstância da superfície do solo ser aí bastante superior, tendo uma cota média de 807,50, ou seja mais ou menos dois metros superior à cota do solo vegetal, em LI. Pretendia-se encontrar uma maior espessura de sedimentos que compensasse os magros resultados da primeira sondagem.

Foram estabelecidos dois quadrados contíguos de 2x2 metros. Como resultado da obliquidade da face interna da muralha, o limite norte das valas resultou irregular (ver planta). Os dois quadrados foram designados LII-A1 e LII-A2. Esta sondagem desceu à profundidade de 805,43, ou seja cortou cerca de 2,00 metros de sedimento, obtendo-se assim um significativo corte estratigráfico. Por razões de segurança foi necessário, a certa altura, alargar os dois quadrados mais um metro para sul, por forma a evitar a desagregação da parede da vala. Por outro lado, a partir da cota 806.9, foi interrompido o quadrado A1, apenas se descendo em A2, pelas mesmas razões de segurança, quer da equipa, quer da própria muralha.

A sequência observada em LII foi a seguinte, de cima para baixo:

- 00 - camada pouco espessa de terra vegetal;
- 01 - camada profunda de pedras soltas, incluindo material de construção, nomeadamente, elementos de arcos de porta, visivelmente um espesso derrube, com mais de um metro de profundidade (cota das pedras mais profundas 806,40);
- 02 - sob este estrato de derrube ou de demolição, um nível de fragmentos de telha, sendo algumas de grande dimensão. Quase ao mesmo nível, manchas de carvão e numerosos pregos de ferro, ou seja, restos de cobertura em telha e da estrutura de madeira que a suportava;
- 03 - sob o nível (de telhas, carvão e pregos), um outro nível, pouco espesso de ocupação, com muita cerâmica e vestígios de um pavimento de tijolos de barro.

Sob o conjunto (A), um outro conjunto estratigráfico (C), que reúne dois níveis de ocupação atribuíveis ao período calcolítico. Os dois níveis possuem uma estrutura idêntica;

- 04 - nível constituído por vestígios duma construção circular, um pavimento de argila, e cerâmica manual;
- 05 - sob o nível anterior, um pavimento de argila também articulado com uma estrutura pétreia, tendencialmente circular, e cerâmica manual calcolítica.
- 06 - sob o nível 05, uma última camada estéril, resultado provável da alteração da rocha de base (granito).

Cortando esta última série de dois estratos 04 e 05, a vala de fundação da muralha que pode ser considerado o conjunto B.

Como se pode verificar, apurou-se uma interessante sequência relacionada com uma construção medieval (Baixa Idade Média), que ardeu e caiu em ruínas, com a construção da muralha e com dois níveis de cabanas de um povoado pré-histórico.

Se considerarmos a exiguidade da sondagem, não deixa de ser surpreendente o volume de resultados adquiridos.

A ocorrência de cerâmicas protohistóricas e romanas, misturadas com os materiais da época medieval, revela a existência de outros níveis, que foram revolidos para instalar a construção supracitada.

5. Espólio

O conjunto do espólio resultante dos trabalhos de 1987, é de grande interesse científico e museológico. De facto, quer no decurso dos trabalhos de limpeza, quer nas sondagens, foi recolhido abundante material cerâmico, metálico, e mesmo osteológico, (este último raro nos sítios do Norte do país). Estes materiais, que estão à guarda da Câmara Municipal de Carrazeda de Ancieões, somam vários milhares de fragmentos ou unidades, incluindo numismas, peças metálicas e de olaria, inteiras ou reconstituíveis.

Não foi ainda feita uma análise minuciosa de todo material, que pela sua diversidade exige especialistas nas diversas épocas representadas. De facto, entre as séries de cerâmicas, contam-se fragmentos de olaria de fabrico manual, lisa, penteada ou incisa, do género que tem sido encontrado na região de Chaves (JORGE 1986), e no Planalto Mirandês, (SANCHEZ 1988). Ocorrem também fragmentos de vasos carenados, atribuíveis à Idade do Bronze, cerâmica típica do ferro e materiais romanos, incluindo Terra Sigillata Hispânica. Quanto à olaria medieval, a diversidade das formas e dos fabricos é assaz notável.

Independentemente do contributo destas sondagens para o avanço dos conhecimentos sobre a tipologia e as técnicas da olaria medieval de Trás-os-Montes, domínio pouco abordado, o conjunto do espólio evidencia, por si mesmo, sucessivas fases de ocupação.

No entanto, apenas se encontram estratigraficamente materializadas duas fases: o período inicial, calcolítico, e a época medieval. Os períodos intermédios foram, provavelmente, removidos pela última fase de ocupação.

Quanto a outros géneros de material, é de salientar os numismas medievais, que foram recolhidos em níveis bem isolados e devidamente posicionados, pelo que podem proporcionar excelentes indicadores.

As peças metálicas, entre as quais se contam inúmeros pregos, e utensílios da vida quotidiana, embora por si só pouco revelem, podem vir a ser peças de interesse, em termos de museologia.

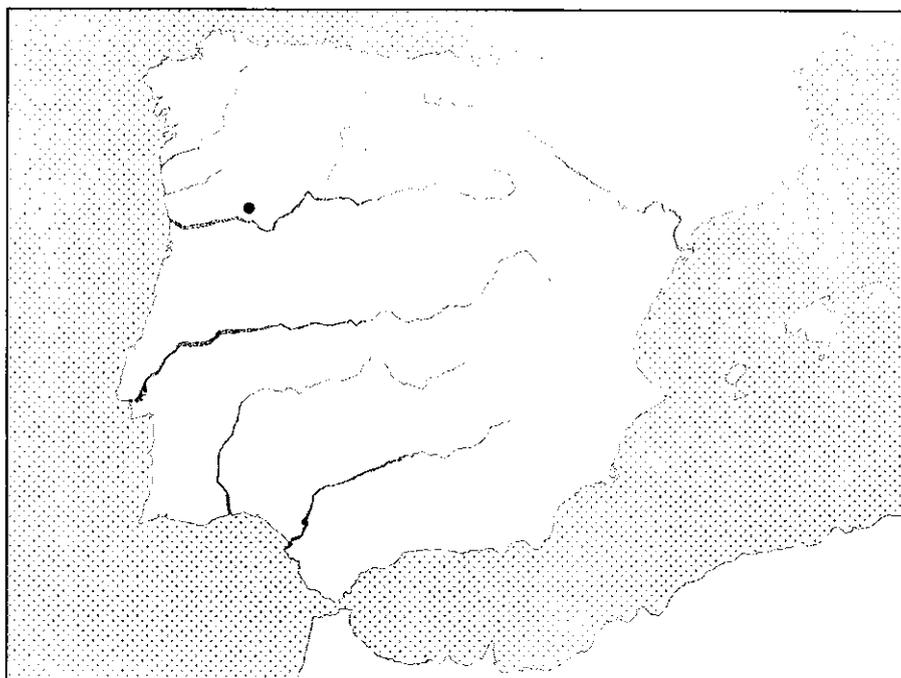
6. Conclusões

Os trabalhos realizados sob a direcção do autor asseguraram o arranque dum projecto de valorização e estudo da Vila Fortificada de Ancães.

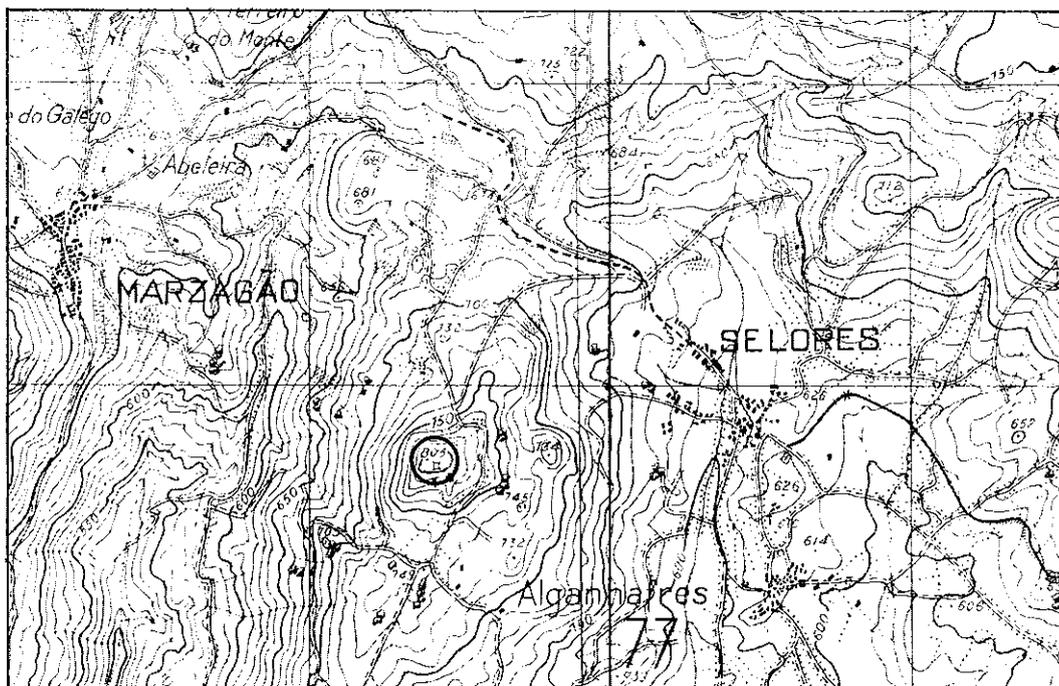
Ficou demonstrado o interesse científico do subsolo da área da Vila, cuja origem remonta ao calcolítico, com possível continuidade de ocupação ao longo de vários milénios até ao século XVIII. Do ponto de vista estritamente arqueológico, definido o espectro cronológico do sítio, o desenvolvimento de futuros trabalhos só é desejável se se constituir uma equipa multidisciplinar com especialistas nas diversas áreas, (Pré-História, Proto-História, Romanização), e em Arqueozoologia e Palinologia.

Assim, Ancães justifica que se promova um projecto monográfico, não só arqueológico, como também arquitectónico e documental, de tal modo que a sua história milenária possa ser reconstituída, pelo menos nos seus aspectos essenciais. Para o efeito, seria necessário acrescentar à equipa de arqueologia, historiadores de Arte e medievistas, de maneira que as múltiplas questões suscitadas pelo estudo dum conjunto tão bem conservado, apesar da usura do tempo e da incúria dos homens, sejam abordados numa perspectiva multidisciplinar e integrada.



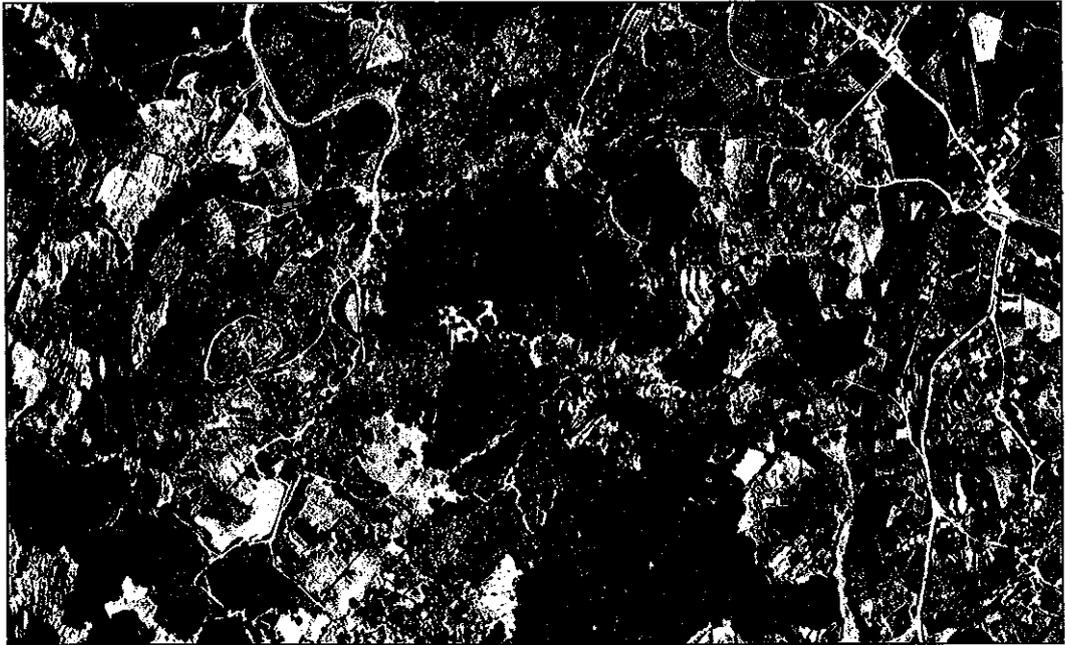


1 Localização da Vila Fortificada de Ancieães na Península Ibérica.

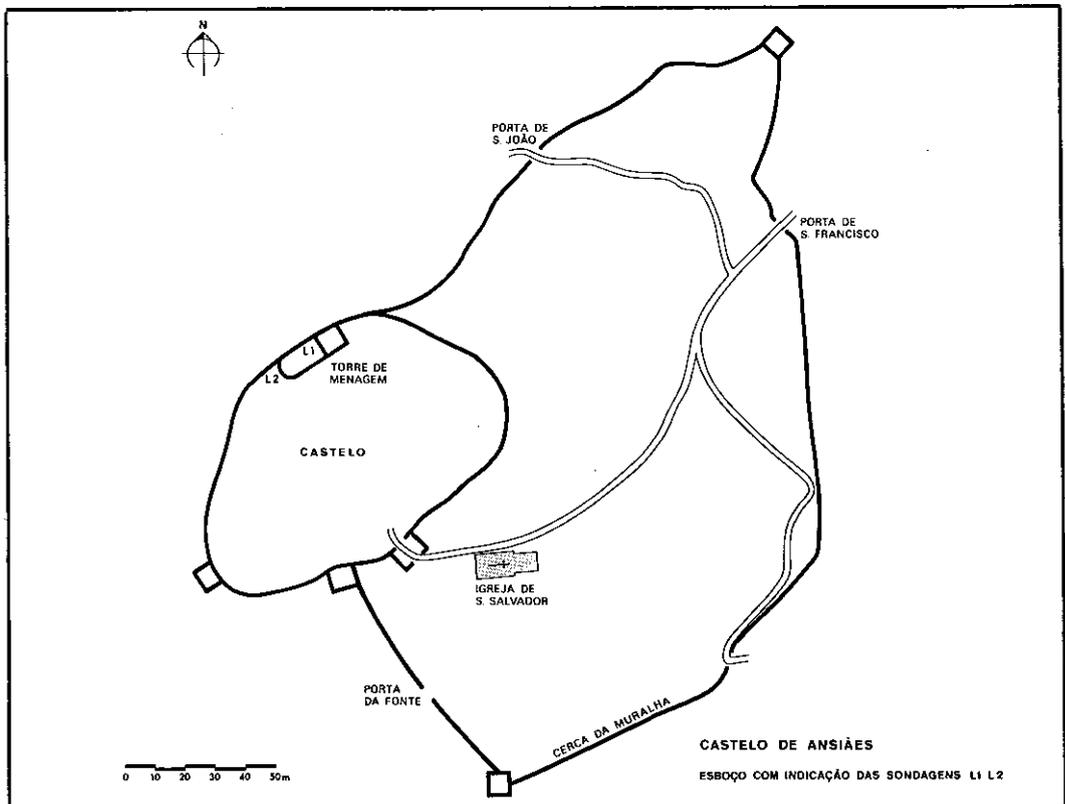


2 Localização da Vila Fortificada de Ancieães. Carta dos S.C.E. n.º 117 (Esc. 1:25 000).

ESTAMPA II



1 Fotografia aérea da Vila Fortificada de Ansiães (Esc. aprox.: 1:10 000).



2 Planta da Vila Fortificada de Ansiães com localização das sondagens (Esc. 1:2 500).



1 Local onde foram realizadas as sondagens L1 e L2.

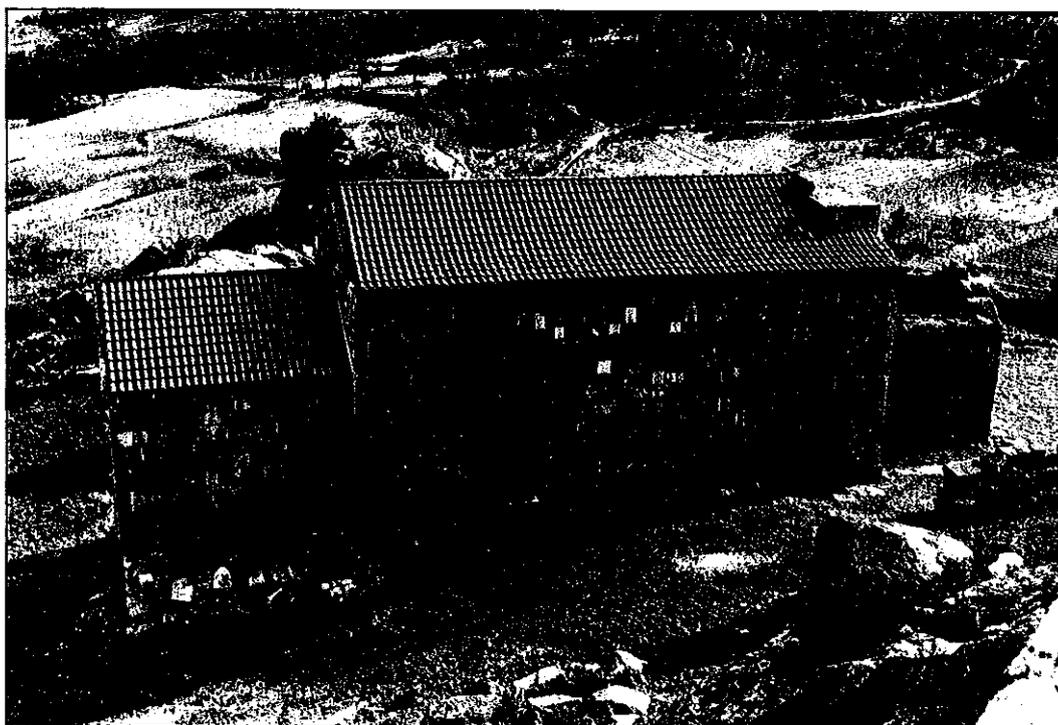


2 Troço de muralha vendo-se a chamada Porta da Traição e ao fundo as ruínas da Torre de Menagem.

ESTAMPA IV



1 Ruínas da Torre de Menagem e construções anexas.



2 Igreja de S. Salvador de Anciães.